

A MULHER SAMARITANA E ANÚNCIO DO EVANGELHO

THE SAMARITAN WOMAN AND THE PROCLAMATION OF THE GOSPEL

*Tiago Alves Ferreira**

*Nelson Maria Brechó da Silva***

Resumo: A jornada das mulheres na Igreja é cheia de transformações impulsionadas pelo Espírito Santo. Exemplos como Agar, Sara e a Samaritana mostram como Deus concede dignidade e propósito às mulheres, independentemente de sua condição social. Jesus quebrou barreiras culturais ao valorizar as mulheres, como no caso da mulher adúltera e da Samaritana. Esta última, ao conversar com Jesus, encontra sua vocação e a verdadeira adoração a Deus. Ela se torna uma fervorosa testemunha, reconhecendo Jesus como Salvador e convocando sua comunidade para segui-lo. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, destaca a importância de renovar a Igreja e valorizar a missão das mulheres. Ele enfatiza que elas devem participar ativamente das decisões, não ficando à margem. Francisco reconhece a grande contribuição feminina em diversos setores e destaca a força que representam na evangelização. A missão da mulher na Igreja é vital. Ao longo da história, elas têm sido fiéis colaboradoras na proclamação do Evangelho. Inspiradas pelo exemplo de Jesus e pelas muitas mulheres que deram suas vidas por Ele, continuam a anunciar a Boa Nova, enfrentando desafios com coragem e fé.

Palavras-chave: Samaria. Poço. Água.

Abstract: The journey of women in the Church is full of transformations driven by the Holy Spirit. Examples like Hagar, Sarah, and the Samaritan woman show how God grants dignity and purpose to women, regardless of their social status. Jesus broke cultural barriers by valuing women, as seen in the cases of the adulterous woman and the Samaritan woman. The latter, after conversing with Jesus, finds her vocation and true worship of God. She becomes a fervent witness, recognizing Jesus as Savior and calling her community to follow Him. Pope Francis, in the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, highlights the importance of renewing the Church and valuing the mission of women. He emphasizes that women should actively participate in decision-making and not be sidelined. Francis acknowledges the significant contribution of women in various sectors and highlights the strength they represent in evangelization. The mission of women in the Church is vital. Throughout history, they have been faithful collaborators in the proclamation of the Gospel. Inspired by the example of Jesus and many women who gave their lives for Him, they continue to announce the Good News, facing challenges with courage and faith.

Keywords: Samaria. Well. Water.

Introdução

Quando olhamos para o caminho percorrido pelas mulheres na Igreja, percebemos que elas sempre enfrentaram diversas transformações, e essas só acontecem

* Seminarista da Diocese de Cristalândia/Tocantins, acadêmico de Teologia na Faculdade João Paulo II, Doutor pela Universidade Federal do Tocantins.

** Doutor em Filosofia e Teologia, ambos pela PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política da PUC-SP e Literatura Joanina também pela PUC-SP. Pós-doutor em Filosofia pela PUC-SP. Pós-doutorando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Professor titular do Departamento de Filosofia e de Teologia (Faculdade João Paulo II - Marília / SP). E-mail: nelsonbrecho@yahoo.com.br

graças a ação do Espírito Santo, e se fazem de fundamental importância, pois desafiam estruturas tidas como enrijecidas, fazendo com que as mulheres desempenhem papéis significativos e autênticos, e não mais como coadjuvas, e nesse despertar do processo de emancipação e libertação, se tem construído um caminho único e que marca a história, pois é um caminho de liderança, mesmo enfrentando muitos desafios, e confrontando sistemas que condicionam e que tentam empurrar a mulher para um lugar que não lhe cabe mais, pois agora o seu espaço de direito e um lugar onde ela é ouvida, respeitada, e que pode discernir e decidir em favor de si e dos seus (cf. Santos, 2024, p. Não paginado).

Costa e Monteiro (2020, p. 34) afirmam que o ser humano é um ser chamado por Deus, onde cada pessoa recebe um chamado individual, pois cada pessoa tem uma vocação que é somente sua. Muitas vezes é difícil reconhecer o seu chamado, mas a vocação do homem e da mulher, só é entendida por que o próprio Deus se manifesta na Sagrada Escritura, no Antigo e no Novo Testamento. Está inscrito na natureza do homem a necessidade de falar com Deus, e só falando com Ele que se pode conhecer um caminho novo, e que se pode beber de uma água que dá acesso a verdadeira vida.

O relato da Samaritana Evangelho de João destaca a importância das mulheres na Igreja Primitiva, não só como discípulas, mas também como missionárias. As mulheres auxiliaram Jesus em sua missão, como vemos no relato da Samaritana, ou ainda anunciaram a fé, como Marta, proclamaram a ressurreição como Maria Madalena e ensinaram o cristianismo, como Priscila, esposa de Áquila. Essas mulheres são faróis que iluminam o papel das mulheres hoje na Igreja e na sociedade. Elas são cooperadoras ativas na missão e evangelização, sempre mantendo a intuição, sensibilidade, coragem e beleza (cf. Araújo, 2016, p. 248).

Portanto objetiva-se com esse trabalho analisar o perfil da Mulher samaritana, e como ela influenciou a sociedade a qual estava inserida, e como a sua vida foi transformada a partir dessa escolha, e como as “samaritanas” (mulheres que vivem a Igreja) de hoje, contribuem para que o reino de Deus aconteça. A metodologia utilizada para realizar esse trabalho foi uma pesquisa de caráter bibliográfico, em especial a Sagrada Escritura, Artigos Científicos, notícias publicadas por mídias especializadas em assuntos da Igreja Católica, Livros digitais e impressos, além de documentos da Igreja.

Presença feminina na Sagrada Escritura

O patriarcado sempre foi um sistema social, econômico, político, cultural, moral e religioso que situava o masculino como donos do poder e, conseqüentemente, as mulheres estava num outro nível: abaixo e conformadas com a desigualdade (Cf. Ferreira 2023 p. 16). O homem era a autoridade que entendia de quase tudo. Diante disso quase toda a Bíblia, nas redações finais, teve como redatores homens, isso por influência da escola teológica sacerdotal (Cf. Santos e Musskopf, 2018, p. 14-15).

A leitura atenta da Sagrada Escritura revela que as mulheres sempre desempenharam papel de destaque nos acontecimentos do povo de Israel e da igreja primitiva. Elas estiveram presentes desde a criação do mundo, passando pela formação e preservação do povo escolhido, a conquista da terra prometida, o período dos juízes, o estabelecimento e divisões do Reino de Israel, o exílio e a genealogia e o mistério de Jesus, sua morte e ressurreição. Em todos esses momentos, a participação feminina foi decisiva e essencial (cf. Ribeiro 2020 p. 68-76).

O processo de submissão das mulheres variou ao longo da história do povo de Israel. No período premonárquico, as mulheres participavam mais ativamente na sociedade. Com o tempo, no entanto, os papéis se tornaram desiguais e essa desigualdade foi naturalizada. Não apenas os papéis se tornaram desiguais, mas a própria essência da mulher passou a ser vista como inferior à do homem. Tanto a Bíblia quanto outras fontes contemporâneas revelam que os judeus daquela época eram machistas, relegando as mulheres a uma posição de inferioridade. Os textos bíblicos, quando analisados em seu contexto, mostram a realidade do povo e suas contradições. A discriminação está presente e os autores bíblicos, mesmo vivendo nesse ambiente, muitas vezes refletem essa situação de forma culturalmente contaminada. A participação das mulheres na história de Israel diminuiu no período monárquico e pós-monárquico, foi exatamente nesses períodos que os primeiros capítulos do Gênesis, com seus relatos da criação da humanidade, foram escritos. (cf. Candioto, 2008, p. 29).

A distinção entre homem e mulher pode ser percebida ao analisar o termo "costela". Em hebraico, 'hassela' significa "próximo ao coração". Isso reflete que Eva é "um ser igual, mas distinto do homem". A ideia de costela também sugere reciprocidade, onde a mulher está ao lado e não atrás do homem. Ambos caminham lado a lado. É importante destacar que tanto o homem quanto a mulher são criados por Deus. O homem é formado da terra, enquanto a mulher é criada a partir do homem, que já foi moldado

pelas mãos de Deus. O homem não cria a mulher, é Deus quem a forma a partir do próprio homem (cf. Candiotto, 2008, p 37).

Quando se fala da criação da mulher, mesmo que após a do homem, ela é mostrada como essencial para completar a obra divina. Deus reconhece que o homem não é completo e feliz sem a mulher: “Não é bom que o homem esteja só”. Ele então diz: “Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” e cria a mulher (cf. Gn 2, 18-19). Segundo Guinsburg (2013, p.3), a mulher o despertaria de projeto de homem, para ser homem em plenitude, pois ele deixaria de ser um homem contemplativo para um homem ativo, mostraria a ele o potencial humano o qual Deus o criou, onde através dos seus próprios olhos ele contemplaria as obras da criação. Homem e mulher são uma centelha de Deus, feitos pelas próprias mãos de Deus, feitos para amar.

Deus atua enquanto o homem dorme, simbolizando que este novo ser, a mulher, é uma obra exclusivamente divina, sem a intervenção humana. Naturalmente homem e mulher são, por natureza e juntos constituem a essência da humanidade (ser imagem e semelhança de Deus). Não são complementos um do outro, mas sim totalidades, cada um com suas próprias características e especificidades.

A Mulher no Antigo Testamento

No mundo patriarcal do Antigo Testamento, a dignidade e autonomia das mulheres eram frequentemente obscurecidas. No entanto, ao mesmo tempo, a Bíblia nos apresenta mulheres que desafiavam esse patriarcado. Essas mulheres romperam os limites culturais de sua época, trazendo luz com suas vidas singulares e dando significado à sua essência feminina. Embora os eventos principais na vida dessas matriarcas estejam muitas vezes centrados em seus filhos homens, é inegável que essas mulheres foram forças transformadoras em sua própria natureza. Israel pode ser personificado em seus filhos, mas é impossível ignorar a influência e a presença marcante de suas mães (cf. Candiotto, 2008, p. 44 - 47).

Muitas mulheres que desempenhavam papéis importantes na comunidade, podemos destacar entre elas: Agar, que era um mulher pobre, escrava e pagã, era estrangeira, escava e mesmo expulsa por Abraão, durante o seu grito Deus a ouviu, e lhe fez uma promessa (cf. Gn 21, 17-19). Aqui temos uma Deus não faz acepção de pessoas, mas que age com misericórdia, e confere dignidade a todos, que concede a água da vida,

uma nova esperança. Temos ainda Sara, companheira de Abrão, que por causa da sua fidelidade a Deus, foi honrada com o filho da promessa que era Issac.

No caminho de vida, amizade e companheirismo temos Rute e Noemi, que juntas superaram a dor e a fome, e uniram diferentes culturas, vivendo de forma tolerante, marcaram a história do seu povo, com fé e esperança. Não podemos esquecer de Débora, profetisa e juíza, e Jael, que com astúcia enfrentou o comando do exército e libertou o povo (cf. Ribeiro, 2014, p. 3). Temos também Maala, Noa, Hegla, Melca e Tera, mulheres que lutaram pelo direito à terra e conseguiram mudar a lei daquela época em favor da vida (cf. Nm 27, 1-11). Tantas outras mulheres, incluindo aquelas sem nome, como a viúva de Serepta, que partilhou o que tinha com coragem e fé (cf. 1Rs 17, 8-16). Em meio a essa trajetória, destacam-se as rainhas como Ester, que agiu pela libertação do povo (cf. Est 4, 16). Mulheres com os mais variados temperamentos e ações, mas que deixaram sua marca na história do povo de Deus.

Essas mulheres mencionadas são apenas uma amostra das muitas figuras femininas do Antigo Testamento que, tradicionalmente, tem sido vistas de maneira parcial, onde não temos uma visão completa da sua participação na história de Israel. A visão comum de que as mulheres eram tratadas como inferiores na Sagrada Escritura no Antigo Testamento, não é de um todo correta.

Candiotto (2008, p 78 - 79), afirma que a partir do século I, o judaísmo rabínico começou a elaborar o Talmud, uma coletânea de textos sobre a lei, ética, costumes e história do povo judeu. Vivendo sob domínio romano, muitos aspectos dessa cultura foram incorporados ao Talmud, incluindo a posição das mulheres na sociedade. Elas passaram a ter pouca vida social, sendo mantidas afastadas de eventos e lugares públicos e religiosos. As mulheres eram vistas biologicamente como procriadoras, socialmente como dependentes do pai e depois do marido, e consideradas psicologicamente e intelectualmente incapazes de lidar com questões importantes, como as religiosas. Mulheres em locais públicos, eram vistas como ofensa à sua dignidade.

Mesmo com as limitações culturais e sociais impostas, essas mulheres se destacaram e desempenharam papéis essenciais na história de Israel. Elas desafiaram as normas da época, mostrando que o potencial e o valor das mulheres eram reconhecidos e celebrados, apesar das restrições. As mulheres na Bíblia têm diferentes papéis, de relevância indiscutível, e que contribuíram para a mudança na história do povo de Deus (cf. Zanetti, 2022, p. 4).

As Mulheres no Novo Testamento

As conquistas sociais das mulheres em diversas áreas não coincidem com a compreensão sociorreligiosa desenvolvida ao longo dos anos. Isso contribuiu para estabelecer uma divisão entre o contexto social e religioso (cf. Pavani 2020, p. 318). É necessário dar voz as mulheres, a fim de que possamos entender os seus relatos, posicionamentos, suas necessidades, suas tribulações, e para entender o dinamismo dentro do cristianismo nascente principalmente no primeiro século d.C.

O cristianismo primitivo reconheceu a opressão que as mulheres enfrentavam e começou a promover a integração social entre homens e mulheres. Elas se juntavam aos homens para rezar, recebiam os dons do Espírito Santo, e ajudavam suas comunidades (cf. At 2,1-4.17-18;6,1). Dessa forma, o cristianismo destacou-se por promover a igualdade de gênero em um período de desigualdade social. Com isso, as mulheres começaram a ocupar seu espaço, especialmente através das "igrejas domésticas", permitindo maior participação feminina no contexto sociorreligioso cristão da época.

O relacionamento de Jesus com as mulheres ia além dos costumes da época, rompendo muitos tabus e até escandalizando seus primeiros discípulos. Ele não fazia discursos explícitos sobre a libertação das mulheres, mas sua vida e ações transcenderam as normas culturais. Jesus veio transformar a história, trazendo o Reino de Deus e resgatando o Paraíso Perdido, onde homem e mulher tinham uma missão conjunta. Jesus revolucionou os costumes e a ética moralista da sociedade judaica, denunciando normas e leis discriminatórias. Ele devolveu a vista aos cegos, fez paralíticos andarem e curou mulheres doentes, mostrando que os direitos e deveres deveriam ser simétricos para todos. Sua missão era afirmar a necessidade de conversão do coração para que qualquer discriminação entre homem e mulher desaparecesse. Quando trouxeram a mulher adúltera diante de Jesus para que fosse apedrejada, ele respondeu: "Quem dentre vós que não tem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra! (cf. Jo 8, 7)". Com isso, Jesus expôs a hipocrisia e a dupla moral dos homens em questões sexuais. Ele praticamente desmontou a tradição judaica sobre o adultério, historicamente desfavorável às mulheres, e convidou-as a viver uma nova relação libertadora (cf. Candiotta 2008, p. 70-74).

No início do cristianismo as mulheres atuavam lado a lado na evangelização com os homens o próprio Apóstolo Paulo diz em sua epístola:

Recomendo-vos Febe, nossa irmã diaconisa da igreja de Cencreia, para que a recebais no Senhor de modo digno, como convém a santos, e a assistas em tudo o que ela de vós precisar, porque também ela ajudou a muitos, a mim também inclusive. Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expuseram a cabeça. Não somente eu lhes devo gratidão, mas também todas as igrejas da gentilidade. Saudai também a igreja que se reúne em sua casa (cf. Rm 16, 1-5).

O que se pode deduzir das citações feitas pelo Apóstolo Paulo? Por um lado, sua maneira de mencioná-las com afeto e respeito denota a importância que essas mulheres tinham em suas comunidades, fundadas pelo próprio Apóstolo. Por outro lado, essas informações, ainda que breves, mostram que a Igreja não foi constituída apenas pelos apóstolos. Essas mulheres são testemunhas da presença do Espírito Santo na Igreja nascente. Paulo dedicou-se a promover a igualdade social, integrando as mulheres em papéis significativos dentro da nova realidade do cristianismo paulino. Ele reconheceu o sofrimento que elas enfrentavam, especialmente em um período marcado pelo patriarcalismo e pelo judaísmo, que as excluía da comunidade e da prática religiosa. Antes da atuação das mulheres nas comunidades cristãs descritas em Atos dos Apóstolos e nas cartas de São Paulo, já havia a presença de mulheres no discipulado de Jesus. O evangelista Lucas menciona grupos de mulheres que seguiam Jesus e o serviam com seus bens (cf. Lc 8, 1-3).

No livro de Atos dos Apóstolos, Lucas vai além e retrata a existência de mulheres que desempenhavam funções importantes como missionárias e pregadoras do Evangelho, mesmo dentro da visão machista vigente na cultura judaica. Vale destacar que essas mulheres já estavam engajadas na liderança missionária e eclesial antes e independentemente de Paulo. Como missionárias judeu-cristãs, elas faziam parte das comunidades cristãs na Galácia, em Jerusalém e Antióquia, situadas nos primórdios do movimento cristão. Essas mulheres não só continuaram o movimento iniciado por Jesus após sua morte e ressurreição, como também se envolveram na expansão desse movimento entre os gentios das regiões adjacentes (cf. Teixeira 2010, p. 61).

Vale lembrar que o apóstolo Paulo começou sua missão evangelística na Europa em uma “sinagoga de mulheres”. A primeira pessoa a se tornar cristã foi Lídia, que logo assumiu a liderança na igreja da cidade. Tradicionalmente, era preciso ter dez homens judeus para formar uma sinagoga. No entanto, quando não havia sinagoga, as pessoas se reuniam perto do rio. Paulo, ao chegar, encontrou um grupo de mulheres e, dessa reunião,

surgiu a comunidade de Filipos. Essa comunidade destacou-se pelo constante apoio ao trabalho de Paulo. Ele aceitou a colaboração das mulheres em vários ministérios (Reimer e Reimer, 2022, p. 273). Ao longo da narrativa bíblica, muitas mulheres, nomeadas e anônimas, marcaram a jornada do povo de Deus, enfrentando injustiças e proclamando uma vida digna (cf. Ribeiro, 2014, p. 120-121).

Para Cristo, as mulheres eram tão capazes quanto os homens de compreender e assimilar as verdades do evangelho. Interessantemente, algumas das verdades mais profundas foram reveladas a elas, como o ensinamento sobre a água da vida à mulher samaritana e sobre a ressurreição a Maria e Marta. Jesus proferiu muitos de seus ensinamentos, como o Sermão da Montanha, a grupos que incluíam homens, mulheres e crianças. É perceptível que, muitas vezes, as mulheres eram aquelas que melhor compreendiam seus ensinamentos e mais se dedicavam ao seu serviço. Após sua morte, foram quatro mulheres que, corajosamente e sem a companhia de um homem, arriscaram-se a ir ao seu túmulo (cf. Ribeiro, 2020, p. 80-81).

No Antigo Testamento, quando falamos da figura feminina temos sempre uma ênfase para a primeira mulher criada por Deus, que foi Eva, que é tida como a desobediente, e que não vai ao encontro do perfil idealizado pela Igreja, no Novo Testamento, tudo é refeito e ganha pleno sentido quando percebemos a figura da nova mulher, que é Maria a Mãe de Jesus (cf. Libório, Lima, 2017, p. 331).

Embora o Novo Testamento se concentre principalmente na vida e missão de Jesus de Nazaré, ele também nos convida a contemplar a figura de Maria de Nazaré, sua mãe. Para aqueles que desejam meditar profundamente a vida da Virgem, o primeiro ponto e encontrá-la na Sagrada Escritura, pois ali ela se revela, muitas vezes de forma sutil, mais plena. A primeira indicação que temos de Maria se encontra no Livro dos Gálatas, capítulo 4, versículo 4: Quando, porém, chegou à plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei. Mesmo Maria não seja mencionada diretamente pelo nome, fica claro que a Mulher em questão só pode ser ela. Paulo a descreve como a garantia mais certa da humanidade do Senhor. Sua presença é inegável na encarnação do Filho, e essa encarnação nos confere a dignidade de sermos filhos de Deus (cf. Pereira, 2019, p. 16). A menção à mulher de quem ele nasceu destaca sua verdadeira conexão com o mundo humilde dos homens, sempre à espera. Isso posiciona a mulher como a figura mais próxima do cumprimento escatológico, estando no coração do mistério e no "centro escatológico" da história (cf. Forte, 1991, p.45).

No início do Evangelho de Mateus vemos claramente a importância da mulher na história da Salvação, quando se relata a origem de Jesus Cristo (cf. Mt 1, 1-17), ao apresentar as sucessivas gerações dos antepassados de Jesus, porém ao fazerem menção a José, ali o faz para se referir que ele é o esposo de Maria, ao qual nasceu Jesus. Vale destacar a inclusão de Maria e outras mulheres (Tamar, Raab, Rute e a mulher de Urias) na genealogia de Jesus, e algo incomum no judaísmo do século I. Essa escolha de Mateus provavelmente busca enfatizar a missão de Maria, que desempenharia um papel fundamental na história da salvação. Nas genealogias do Antigo Testamento, nomes femininos não apareciam com tanta frequência, o que torna essa citação ainda mais importante (Cf. Murad, 2004, p. 26). Pois ao citar Maria, Mateus destaca que Jesus veio ao mundo através de uma mulher, reafirmando a humanidade completa de Jesus e sua conexão direta com a história e a promessa de Deus ao povo de Israel. Isso também reflete a inclusão e valorização das mulheres na narrativa bíblica, mostrando que elas têm um papel fundamental no cumprimento dos planos divinos.

O diálogo da conversão (Jo 4, 4 - 30. 39 - 42): “Eu vos dou água viva.”

No Evangelho de João, algumas mulheres recebem destaque, como a Mãe de Jesus, Maria Madalena, Marta e a Mulher Samaritana, desempenhando papéis de protagonistas, algo raro nos Evangelhos Sinóticos. João apresenta essas mulheres de maneira positiva e com importantes funções. Em João 4, por exemplo, uma mulher é a protagonista do relato, destacando-se na missão messiânica do Filho de Deus. Essa narrativa, exclusiva do Quarto Evangelho, visa uma intenção teológica clara (cf. Araújo 2016, p. 233).

Os samaritanos eram considerados impuros pelo judaísmo oficial. Eles descendem da mistura entre os israelitas do Reino do Norte e migrantes pagãos, levados à Samaria pelos assírios após a queda do Reino de Israel em 721 a.C. Segundo o segundo livro dos Reis, os assírios deportaram a maioria dos israelitas e trouxeram pessoas de cinco nações pagãs (cf. 2Rs 17,1-6.24-41). Esses povos introduziram suas religiões originais, mas também adotaram o jvismo como culto "ao Deus da terra", criando assim uma religião sincrética. Os samaritanos aceitavam apenas os cinco livros da Lei, rejeitando os profetas e o foco no templo de Jerusalém, o que gerou muitos conflitos com os judeus (cf. Bernardino, 2010, p. 67).

No século anterior a Jesus, o Sumo Sacerdote de Jerusalém destruiu duas vezes o templo samaritano no Monte Garizim. Samaritanos e judeus têm a Torah como livro sagrado e ambos são monoteístas, com princípios religiosos comuns como evitar imagens, crer na lei dada por Moisés, observar o sábado, circuncisão e festas religiosas, além de reivindicar origem nos patriarcas e matriarcas, e esperar a vinda do Messias. Algumas características dos samaritanos incluem identificar o Messias como o Taeb e valorizar o poço (lugar sagrado) onde Jacó, seus filhos e animais beberam. A principal diferença entre samaritanos e judeus é o local de culto: enquanto os judeus têm o templo em Jerusalém, os samaritanos têm o templo no Monte Garizim. Os sacerdotes de Garizim, descendentes de Eleazar, se distanciaram de Jerusalém, entrando em conflito com o sacerdócio de lá. Segundo Freire (2018, p. 90), Jesus passava pela Samaria por causa de sua missão, não por necessidade de trajeto, já que poderia seguir pela outra margem do Jordão. Independentemente de ser necessário ou não, Ele chegou no poço próximo a cidade de Sicar, contrariando as expectativas dos “judeus fiéis”.

No quarto capítulo do Evangelho de João, há um viés nitidamente Cristológico, pois Jesus vai se revelando aos poucos. Num primeiro momento, Ele se apresenta como um pedinte, um homem carente, sedento e dependente de outra pessoa, nesse caso, de uma mulher marginalizada. Ao mostrar sua sede e cansaço, Ele se revela para aquela mulher como alguém maior que Jacó, capaz de realizar prodígios. Ele se apresenta a ela como o Messias, o enviado do Pai, o Salvador do mundo. Dentro desse processo de revelação, aparece o elemento da água. (cf. Ferreira, 2023, p. 175). A água, pela sua preciosidade, tornou-se o símbolo da sabedoria e do ensinamento de Deus. Dentro da narrativa, temos água parada (poço) e a água corrente, cheia de vida, e nesse momento vemos que a mulher acredita que a única água que lhe era suficiente era do poço, e essa água parada era a única que ela poderia dar. Mas Jesus trazia água corrente, que era a vida, Ele faz sempre, com que a fonte surja dentro de cada pessoa, e uma vez recebida essa água viva, não será mais preciso buscar outra (cf. Konings, 2013, p.16).

Nesse encontro com a samaritana, Jesus ao pedir água, é mal compreendido pela mulher, pois ela faz uma alusão à água material, à água parada que ela tinha acesso, mas ao faz esse pedido, Jesus revela para ela, que quem deveria pedir a água que é eterna era a samaritana, pois a água que Ele tinha para oferecer a ela, era uma água que à saciaria de forma definitiva, fazendo alusão a água do Espírito, e ao desejar essa água que Jesus lhe tinha para oferecer a mulher vê-se renovada (cf. Mendonça, 2018, p. 71).

A frase "Dá-me de beber (cf. Jo 4, 15)" transforma-se de um pedido de Jesus para o desejo da mulher. Agora, Jesus oferece-se como água viva, prometendo uma nova vida. Este diálogo mais profundo quer mostrar que a Lei, representada pelo poço de Jacó, quando tratada como um fim em si mesma, despersonaliza o indivíduo. Por outro lado, o Espírito, simbolizado pela água que Jesus oferece, dá vida plena e identidade. Jesus guia a mulher em um caminho que personaliza sua vida, permitindo-lhe encontrar uma verdadeira identidade que vem de dentro dela, não das expectativas externas. Esse processo de construção de identidade nasce do encontro pessoal e do ato do Espírito: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba aquele que crê em mim (cf. Rixen, Pagnussat e Borges, 2018, p. 47).

A mulher ao desejar a água viva de Jesus confirma a oferta de vida plena que Ele faz a toda a humanidade. Aquele que opta por beber da água que Ele oferece descobrirá em si a capacidade de crer e amar gratuitamente. Esses elementos são essenciais na formação da identidade de um discípulo de Jesus. O que foi despertado, em um primeiro momento, na vida dessa mulher a partir do seu encontro com Jesus agora é assumido. Ele desperta nela o desejo por vida nova. Ao mesmo tempo, a faz abandonar o poço que ainda, depois de muitos anos, não foi capaz de saciar sua sede e seus desejos. O novo nascimento na vida dessa mulher só acontece em virtude do rompimento com suas antigas práticas e escolhas, sua antiga tradição. Aquilo que foi despertado dentro dela foi decisivo para romper com seu passado. A promessa da vida nova dada por Jesus torna-se, então, a centralidade de sua vida.

Santo Agostinho escreveu: "Minha alma está inquieta enquanto não repousar em ti, meu Deus" (cf. Liturgia das Horas, 2000, p. 257). Beber da água viva significa saciar-se do amor de Deus e da sua Palavra. O salmista já dizia: "Ó Deus, tu és o meu Deus, por ti madrugou. Minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra seca, esgotada e sem água" (cf. Sl 63,2) e "Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando voltarei a ver a face de Deus?" (cf. Sl 42,3). A mulher samaritana, ao fim, pede o que Jesus ofereceu desde o início. Hoje, na comunidade cristã, o novo nascimento é sacramentalmente dado pelo batismo. Pelas águas santificadas do batismo, renascemos pela morte e ressurreição de Jesus, e, como sinal de pertença, recebemos a marca de herdeiros do Reino de Deus (Rixen, Pagnussat e Borges 2018, p. 48).

Após pedir a água viva, Jesus confronta a samaritana com sua realidade existencial. Seu drama surge do fato de não ter encontrado seu verdadeiro lugar de

pertencimento. Ela buscava alguém que a guiasse no caminho da vida e da felicidade, ou seja, no encontro com Aquele que dá sentido a tudo.

Segundo Mateo e Barreto (1999, p. 229) após a revelação do amor gratuito, a mulher reconhece que Jesus é alguém especial: "Senhor, vejo que és um profeta!" (cf. Jo 4,19). Ele deixa de ser apenas um judeu para se tornar um enviado de Deus, um profeta. Com coragem renovada, a mulher faz uma pergunta que a afligia: "Onde se deve adorar a Deus, em Jerusalém ou em Garizim?" (cf. Jo 4,20). Judeus e samaritanos disputavam sobre o local onde a presença de Deus deveria ser reconhecida. Jesus responde: "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade" (cf. Jo 4,23). Viver segundo o Espírito de Jesus significa seguir seu mandamento de amor: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (cf. Jo 15,12). Para viver esse amor, é necessário afastar-se de ganância, falsidade e hipocrisia. Apenas aqueles que vivem no Espírito de Jesus e o adoram em verdade podem encontrar a Deus. Diante da dúvida da mulher, Jesus, agora reconhecido como profeta, a convida a crer: "Crê, mulher, vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai" (cf. Jo 4,21).

Jesus a convida a acreditar em sua Palavra e em sua Pessoa, sinalizando uma mudança radical: os templos não serão mais os únicos lugares privilegiados pela presença de Deus. O próprio Jesus é o "lugar da comunicação com Deus" (cf. Jo 1,51) e o novo santuário (cf. Jo 2,19-22; 1,14), de onde brota a água do Espírito (cf. Jo 7,37-39; 19,34). É de Jesus, verdadeiro local de adoração, que vem a água viva, formando um novo povo e uma nova Aliança.

As samaritanas dos nossos dias: documentos da Igreja

A samaritana, ao ser catequisada por Jesus, no diálogo e na escuta, acolhe Sua Palavra e essência. Jesus se torna o fundamento de sua existência. Além de ser fonte de vida ao afirmar-se como "água viva", Jesus é também liberdade e amor. Nessa transformação, a mulher é chamada a ser uma expressão desse amor. O ato de largar o cântaro simboliza a descoberta de sua vocação: adorar ao verdadeiro Deus e ser fiel a Ele. Ao ser fiel a Deus, ela descobre que o sopro divino da vida habita em seu interior. Consciente disso, agora precisa fazer crescer dentro de si a vida concedida gratuitamente por Deus, descobrindo que sua vocação é ser ela mesma.

Ao reconhecer Jesus como Salvador do mundo (cf. Jo 4,42) e decidir convocar sua comunidade (cf. Jo 4,28) para testemunhar (cf. Jo 4,39) que transformou sua vida, a

samaritana percebe que Ele é o único capaz de saciar sua sede e amá-la verdadeiramente sem exigir nada em troca. Assim, ela se torna como o barro nas mãos do oleiro, lembrando que sua vida é uma obra inacabada, em constante construção, e que só faz sentido se estiver imersa em Deus e em Seu amor incondicional, agora testemunhando as graças que o Messias, o esperado fez em sua vida, que foi dar-lhe verdadeira vida, vida plena.

Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: "Ele me disse tudo o que fiz!". Por isso os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. Ele ficou ali dois dias. Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele e diziam à mulher: "Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo (cf. Jo 4, 39-42).

Depois que Jesus revela para samaritana que Ele é o Messias, a água viva que agora mata a sua sede de forma definitiva, ela abandona a sua vida velha, sai do poço que só saciava sua sede humana, e volta para sua cidade, e lá anuncia que o dia que eles tanto esperavam havia chegado, o Messias chegou até ela. Ela é despertada para a missão, não sendo mais possível guardar a verdadeira riqueza só para si, a sua felicidade é tão grande que ela consegue levar o seu povo até Jesus.

A teologia joanina aponta o testemunho como condição do discipulado, e que o título de discípulo é o maior que um seguidor de Jesus pode ter (Cf. Velasco, 1998, p. 110). No final dessa perícopé, o relato aponta para a categoria de discipulado da mulher. Essa mulher que pratica uma ruptura ao anunciar aos samaritanos que a salvação vem dos judeus. A sua prática é revolucionária, pois uma mulher marginalizada, por ser mulher, por ser samaritana, e por viver em um estado de pecado, pois vivia uma união irregular, torna-se evangelizadora dentro da sua própria cultura, e importante ressaltar que os samaritanos daquela cidade, foram até Jesus pelo testemunho daquela mulher (cf. Jo 4, 39). Essa perícopé está orientada na mensagem universal de Jesus, onde vemos a desconstrução de qualquer discriminação que pesa sobre a mulher. Libertada por Jesus, ela é convocada a ser portadora, e anunciadora da libertação.

A mulher é uma força motriz no processo de evangelização, e isso desde os primeiros séculos do cristianismo. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, destaca a necessidade de renovar as estruturas da Igreja. Ele propõe que evangelizar é viver a vida humana tocando a carne sofredora de Cristo no povo, para que a Palavra de Deus seja acolhida e mostre sua força libertadora e renovadora. Francisco também defende uma "Igreja em Saída", incentivando todos a se engajarem em uma nova

missão, enfrentando sem medo os desafios da Igreja (cf. Peretti e Queiroz, 2021, p. 135). O Papa, dentro dessa perspectiva, enfatiza a importância da missão dos leigos e leigas. Ele afirma que eles devem, cada vez mais, descobrir sua identidade na Igreja. Em particular, as mulheres não devem continuar à margem das decisões. Em seu magistério, Francisco exalta o papel das mulheres em todos os setores da sociedade, afirmando que sua contribuição não deve se limitar a temas "femininos". Ele valoriza a presença das mulheres na vida social, econômica e política, tanto local quanto nacional e internacionalmente, bem como na vida eclesial. O Papa destaca a grande contribuição das mulheres na teologia e no Magistério da Igreja (cf. Francisco 20 – 33, 2013, Não paginado).

O Sumo Pontífice afirmou que "a Igreja é feminina" e "a Igreja é mulher", porque sua essência é feminina. No Novo Testamento, são usadas imagens que revelam a natureza íntima da Igreja. Uma das mais importantes é a Igreja como esposa, indicando algo central em seu ser e mistério. No Apocalipse, ela é chamada de "a esposa", "a noiva", "a esposa de Cristo", "uma mulher". Para Francisco, é impossível imaginar a Igreja sem a mulher, porque a Igreja é feminina. Ele acrescenta: "Gosto de pensar que a Igreja não é 'o Igreja', é 'a Igreja'. A Igreja é feminina, é mãe" e devemos "aprofundar nossa compreensão disso" (cf. Francisco, 2018, Não paginado).

O Papa enfatiza a urgência de criar espaços para as mulheres na vida da Igreja, considerando as sensibilidades culturais e sociais. Para ele, a nova evangelização só é possível com a presença feminina nas comunidades, nas responsabilidades pastorais, no acompanhamento de pessoas, famílias e grupos, e na reflexão teológica. Ele defende uma "profunda teologia da mulher". Aos membros do Pontifício Conselho para os Leigos, nos 25 anos da "*Mulieris Dignitatem*" de João Paulo II, afirma que é crucial questionar a presença da mulher na Igreja (cf. João Paulo II, 1988, p. Não paginado).

Peretti e Queiroz (2021, p. 143) afirmam que Francisco destaca que o papel da mulher na Igreja não é uma questão de feminismo, mas um direito fundamental. É essencial reconhecer as mulheres como "sujeitos eclesiais" com participação efetiva em todas as áreas da vida eclesial, inclusive no ministério ordenado. As autoras afirmam ainda que na Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Querida Amazônia", o Papa enfatiza a força e o dom das mulheres nas comunidades de fé. Ele afirma que, sem as mulheres, a Igreja se desmorona, assim como muitas comunidades na Amazônia teriam caído se não fosse por elas, que as sustentam, conservam e cuidam. Isso revela o poder e o perfil feminino na Igreja.

Considerações finais

Falar sobre a missão da mulher na Igreja é desafiador, pois é impossível dissociá-las da pessoa de Jesus. Deus, ao criar homem e mulher, confere igualmente a ambos a mesma dignidade. Quando o Messias vem até o povo, Ele vem para dar dignidade a todos, sem excluir ninguém. A mesma mensagem que os homens ouviam, as mulheres também ouviam. Entretanto, há um ponto crucial: as mulheres na religião judaica e no cristianismo nascente enfrentavam grandes desafios e barreiras para viverem plenamente sua fé. Mesmo assim, elas não se cansaram de buscar Jesus Cristo e foram fiéis colaboradoras no anúncio do Evangelho.

Ainda hoje, as mulheres enfrentam grandes desafios, mas, inspiradas pelo evangelho vivo e pelas muitas mulheres que deram a vida por Jesus, continuam fazendo o que o Mestre ensinou: "Anunciai o Evangelho a toda criatura" (cf. Mc 16,15). O próprio Papa Francisco diz que a mulher é a força motriz da Igreja e que, sem elas, a missão da Igreja estaria comprometida. Nas atividades pastorais, são as mulheres que dão brilho e são a força viva do Evangelho. São as samaritanas de hoje, que, mesmo com muitos obstáculos, não se cansam de ser anunciadoras.

Referências

ARAÚJO, Gilvan Leite de. Jesus e a Samaritana. *Revista de cultura teológica*, v. 24, n. 87, p. 231-249, 2016.

BERNARDINO, Orides. O diálogo de Jesus com a Samaritana. "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade". *Estudos Bíblicos*, v. 106, p. 67-72, 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 2002.

CANDIOTTO, JACI DE FATIMA SOUZA. Teologia na perspectiva das relações de gênero: a contribuição da hermenêutica bíblica. 2008. Dissertação de Mestrado PUC-Rio.

COSTA, Marcos Roberto. Nunes.; MONTEIRO, Maria. Clara. Caetano. Tavares. Da relação entre homem e mulher, no seio da família, à luz da filosofia de Edith Stein. *REVISTA SÍSIFO*, v. 1112, p. 33-56, 2020.

FERREIRA, J. A. Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia Resistências ao patriarcalismo. 1. ed. São Paulo: Ed. Paulus, 2023. v. 1000. 220p.

- FORTE, Bruno. Maria, a mulher ícone do mistério. São Paulo: Paulinas, 1991.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO, Papa. Francisco e o papel das mulheres na Igreja. 03 março 2018.
- FREIRE, Maria Gerliane Alves da Silva. A resiliência à luz do cuidado de Jesus com a mulher samaritana. Dissertação de Mestrado em Teologia, Faculdade EST. 2018.
- GUINSBURG, Jacó. Da mulher na Bíblia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 7, n. 12, p. 74-84, 2013.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Mulieris Dignitatem*. Vaticano, 1988. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html> Acessado em: 20 de Novembro de 2024.
- KONINGS, Johan. Vida eterna segundo São João. *Theologica*, v. 48, n. 1, p. 15-24, 2013.
- LIBÓRIO, Luiz Alencar; DE LIMA MOREIRA, Ana Cristina. Maria: simplesmente a Mãe de Jesus. *Paralellus Revista de Estudos de Religião-UNICAP, Recife-PE*, v. 8, n. 18, p. 327-340, 2017.
- LITURGIA DAS HORAS. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- MATEO, Juan; BARRETO, Juan. O Evangelho de São João. 3 ed. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1999.
- MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da sede*. São Paulo: Paulinas. 2018.
- MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2004.
- PAVANI, Roney Marcos. “Que queres de mim, mulher?”(Jo 2, 4): O papel feminino nas comunidades cristãs dos primeiros séculos. *Dimensões: Revista de História da Ufes*, n. 45, p. 316-341, 2020.
- PEREIRA, Thiago Azevedo. *Concílio Vaticano II ao Decreto Ecclesia Mater no magistério do Papa Francisco*. 2019. Tese de Doutorado. PUC-Rio.
- PERETTI, Clélia; QUEIROZ, Ivoneide. Mulher e Ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco. *Revista de Cultura Teológica*, n. 98, p. 133-152, 2021.
- REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo. A sinagoga das mulheres: Análise Histórico-Crítica Feminista de Atos 16, 11-15.40. *TEOLITERARIA-Revista de Literaturas e Teologias*, v. 12, n. 26, p. 252-288, 2022.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes? *Ad Aeternum*, v. 1, p. 68-85, 2020.

RIBEIRO, Margarida FS. Trajetória das mulheres na Bíblia e no Metodismo: rastros, memória e desafios. *Revista Educação & Linguagem*, v. 17, p. 117-132, 2014.

RIXEN, Eugenio; PAGNUSSAT, Leandro; BORGES, Maria Augusta. Itinerário de fé: a experiência da Samaritana e a formação do discípulo missionário. Petrópolis, RJ; Vozes, 2018.

SANTOS, Neusa. Papa Francisco e a presença da mulher na Igreja. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/atualidades/papa-francisco-e-a-presenca-da-mulher-na-igreja/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

SANTOS, O. B., & MUSSKOPF, A. S. (2018). Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. *Interações*, 13(24).

TEIXEIRA, José Luiz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. *Revista de cultura teológica*, n. 72, p. 55-63, 2010.

VELASCO, Carmina Navia. *Bíblia caminho para a libertação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ZANETTI, Rosimary Rosa Pires et al. Reflexões sobre a mulher na bíblia e na contemporaneidade: Pastora? Por que não? *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, v. 38, n. especial, p. 284-305, 2022.

Recebido em: 18/02/2025

Aprovado em: 14/06/2025